

TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE: AVANÇO NO POTENCIAL TERAPÊUTICO

LAWRIEN OLIVEIRA DE FREITAS¹; MARIA AMÉLIA GIMMLER NETTO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – law.oliveira100@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mamelianetto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pensando no potencial terapêutico do teatro, dessa vez o Projeto Teatro do Oprimido na comunidade - TOCO desenvolve no CAPS Baronesa, um trabalho semanal voltado à prática teatral com usuários/pacientes. Desenvolvido no ano de 2010, o TOCO atualmente conta com coordenação da professora Doutora Maria Amélia Gimmler Netto, e desde sua fundação, passou por diversas fontes de atuação, desde escolas a ambientes comunitários voltados à saúde. Seu surgimento se deu em função do interesse de estudantes do curso de Teatro Licenciatura no desenvolvimento de atividades desempenhadas no curso como forma de extensão universitária, sempre pautados nas reflexões de Augusto Boal e Paulo Freire. Os estudantes tinham o aprendizado no curso, porém não a prática fora de sala de aula. A partir das pesquisas do grupo que semanalmente atua no projeto, são fundamentadas as práticas desenvolvidas nas comunidades. Pensando sempre em possibilitar bem estar e consequentemente o lado terapêutico do teatro acabou surgindo mais precisamente no final do ano de 2023. No início do ano de 2023, sob a coordenação da Professora Doutora Fabiane Tejada da Silveira, fomos convidadas/os para propor atividades teatrais no Centro de Atenção Psicossocial Baronesa - CAPS Baronesa, criando assim uma ação focada na promoção da saúde. Iniciamos as atividades no mês de março de 2023, com o foco no Teatro do Oprimido como principal ferramenta para trabalhar questões como preconceitos, estigmas, violências e demais questões emocionais que de alguma forma afetem os participantes. Neste trabalho realçamos algumas obras importantes para nossa pesquisa no ano de 2024, uma delas é a *Estética do Oprimido*, BOAL (2009), que traz em um de seus capítulos, o trabalho do teatro no campo da saúde mental, exemplificando e clareando ainda mais esse assunto que ainda é tão pouco abordado em nossa área. Sendo assim, nesse ambiente comunitário do CAPS Baronesa, temos a oportunidade de trabalhar autoconfiança, empatia, socialização e até mesmo o desligamento das preocupações diárias, proporcionando aos usuários/pacientes, uma forma alternativa de lidar com suas questões pessoais e coletivas.

2. METODOLOGIA

No Teatro do Oprimido, desenvolvido por Augusto Boal, busca-se promover a conscientização e transformação das pessoas através da arte. Sendo assim, há a possibilidade de proporcionar espaço onde os oprimidos possam ter sua voz escutada, estimulando a busca por soluções para problemas sociais. Os usuários se permitem fluir durante as atividades, deixando para fora do ambiente uma série de problemas e dificuldades vividas por eles ao longo de suas vidas.

Com base nas reflexões de Augusto Boal e Paulo Freire, juntamente com pesquisas e estudos desenvolvidos pelos participantes do projeto, todas às terças

feiras, atuamos em duplas ou trios no CAPS Baronesa, no horário entre 16h e 17h, levando atividades com foco no desenvolvimento da socialização, criatividade, comunicação, entre outros. O trabalho é desenvolvido com base em um roteiro que buscamos seguir semanalmente, mudando apenas, as atividades propostas. Os encontros geralmente iniciam com uma conversa, onde expomos acontecimentos da semana e novidades que os participantes queiram compartilhar. Em seguida, iniciamos o trabalho de relaxamento do corpo e mente, e também alongamento. Essa parte do relaxamento e alongamento é uma das mais importantes para eles, pois, é nesse momento que buscamos concentração e foco para o restante da oficina.

Para dar início às atividades, na maioria das vezes, começamos com jogos teatrais, como: jogo do espelho, modelador, entre outros. Em todos os encontros trabalhamos criação de cenas, principalmente a partir do Teatro Imagem, técnica do Teatro do Oprimido, que possibilita o trabalho de criação de cenas ou imagens estáticas a partir de uma imagem mostrada. Essa atividade explora e inspira a criação de diferentes posturas, gestos e movimentos corporais.

Ao final do encontro, fazemos a avaliação final, momento de conversa e reflexão, onde podemos recapitular as atividades desenvolvidas, com intuito de ouvir como o encontro atravessou cada participante. Nesse momento, ouvimos cada um, dando espaço para todos dizerem o que foi mais interessante para si e sugestões que queiram contribuir. É nessa avaliação, que podemos entender o que é, e como funcionam as atividades para cada participante. Sendo assim, a última atividade do encontro se chama presente, atividade esta, que está no TOCO desde 2022, e foi uma contribuição de duas integrantes colombianas. No presente, cada participante oferta algo simbólico para outro participante, pode ser um desejo, ou algo imaginário. É uma forma de finalizar o encontro com carinho e acolhimento.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Nosso trabalho no Centro de Atenção Psicossocial Baronesa – CAPS Baronesa – se tornou especial tanto para nós, ministrantes das oficinas, como para os usuários/pacientes que participam. A experiência adquirida é fundamental e abre janelas importantes para a formação profissional de um aluno de Teatro. Neste período de atuação, podemos perceber quão significativos são os resultados do projeto, já que a arte teatral, auxilia em várias áreas da vida dos participantes das oficinas, trazendo autoconfiança, desenvolvimento de habilidades expressivas, autoestima e socialização. O CAPS tem como alguns de seus objetivos, auxiliar seus pacientes na recuperação da autonomia, independência e inserção social, justamente o que as atividades e jogos teatrais, acabam também proporcionando. De acordo com Augusto Boal, em *Estética do Oprimido* (2009):

Penso que a arte teatral pode ajudar no tratamento mental se o diretor (Curinga) compreender que o usuário não é um rascunho de ser humano que precisa ser corrigido pelo professor, mas alguém com suas idiossincrasias específicas, que o tornam inadaptado e infeliz no seu meio social. (BOAL, Augusto, *A estética do Oprimido*, 2009, p. 227)

Boal acreditava que o paciente deve ser estimulado, sempre fazendo perguntas, levantando dúvidas e tendo o cuidado para que a ficção encenada, não ocupe espaço na realidade. No CAPS, durante esse período de trabalho, tivemos excelentes pareceres dos participantes. Casos onde os usuários sofriam de excessiva

timidez, ou, que não gostavam de socializar, e que hoje, estão presentes em todos os encontros. Há relatos muito significativos, dois ainda do ano de 2023, onde um jovem usuário do CAPS trouxe que as oficinas do TOCO o ajudam a desenvolver seu lado sociável, outro paciente, um senhorzinho, contou que as oficinas o ajudam a viver. E o mais recente, onde uma senhora emocionada, disse que frequenta semanalmente as oficinas teatrais para estar bem para seu cachorrinho. Ou seja, o projeto tem a possibilidade de melhorar e trazer esperança para a vida de cada participante. Para nós, ministrantes das oficinas, nem sempre as coisas são fáceis e tranquilas, muitas vezes temos que deixar de lado nossas próprias fraquezas e medos para desenvolver um trabalho de forma gentil e saudável com eles. Isso muitas vezes se torna difícil, pois não temos o conhecimento profissional de alguém que estuda para trabalhar em ambientes como esse, porém é muito satisfatório saber que estamos dando o nosso melhor e crescendo a cada dia.

Durante o início do ano de 2024, sofremos com uma greve que durou quase dois meses, além de problemas com enchentes e demais desastres, o que ocasionou o atraso do calendário acadêmico que já vinha em atraso ainda por conta da pandemia, e conseqüentemente, também atrasou nossa volta ao projeto na comunidade. Em função desse atraso, imaginei que as oficinas de teatro não voltariam a ter grande interesse da comunidade, pois contando com as férias, foram quase seis meses sem oficinas. De fato, nos primeiros quatro encontros, tivemos bastante dificuldade com a aderência dos participantes. Em alguns momentos, pensamos que não voltaria a ser como no ano anterior, quando contávamos com no mínimo sete participantes nos encontros.

Durante todo o mês de agosto, a participação dos usuários foi muito incerta, pois a cada semana, contávamos com dois ou três participantes, o que nos fez pensar em trabalhar com oficinas isoladas. Essa possibilidade se deu pela inviabilidade de ter um andamento de trabalho, já que os participantes nunca iam fixamente.

Porém, no início de setembro, quando já estávamos desacreditados com relação ao grupo fixo, começamos a nos estabilizar a partir da vinda dos participantes. Atualmente, contamos com um grupo bastante coeso, com nove participantes, em sua maioria novos, pois, dos usuários do ano de 2023, somente um voltou a frequentar as oficinas. Com relação a evasão do grupo antigo, nos foi informado no próprio CAPS, que a grande maioria tem motivos específicos para não voltarem a frequentar as oficinas, como: alta, mudança de CAPS, ou mudança na rotina, o que impossibilita-os de seguir frequentando.

Ainda com a parada de quase seis meses e com a formação de um novo grupo do zero, nota-se excelentes resultados a cada semana. Os encontros têm proporcionado momentos de diversão e coletividade para os usuários. Em pouquíssimo tempo, pode-se perceber um grande envolvimento entre o grupo, maior facilidade de comunicação e criatividade.

Além dos resultados para os usuários/pacientes que participam dos encontros, posso dizer com certeza que a partir do TOCO, muitas possibilidades de atuação e oportunidades se dão para os estudantes em formação que vivem o projeto. Em meu caso, em particular, após iniciar no projeto TOCO e começar a desenvolver as oficinas no CAPS Baronesa, tive a ideia de propor atividades semelhantes em minha cidade natal, Encruzilhada do Sul, no interior do estado. Sendo assim, hoje, trabalho com oficinas teatrais também no CAPS de Encruzilhada, com muitos retornos positivos.

4. CONSIDERAÇÕES

O avanço do projeto Teatro do Oprimido na Comunidade no decorrer do primeiro semestre e metade do segundo semestre do ano de 2024 é notório. Percorrer um caminho que anteriormente já estava traçado, porém dessa vez novamente do zero, é bastante desafiador e em alguns momentos nos fez repensar a atuação. Por conta da dificuldade de criação de um grupo presente semanalmente, oficinas isoladas foram pensadas em nossas reuniões para que pudéssemos dar andamento no projeto. Com um pouco mais de paciência e quando já não esperávamos mais que o grupo voltasse a ser criado, tivemos a bela surpresa da adesão de participantes fixos para a oficina.

Para um estudante em formação, um projeto como este é de extrema importância para se obter experiências e ter ideia de possibilidades. Já que, durante os estudos na universidade, não temos muitas vezes nem tempo de conhecer sobre o vasto campo de atuação que cada vez aumenta mais. Claro que ainda estamos com dificuldades, principalmente no quesito estudantes fixos para dar andamento na ministração das oficinas semanais, o que atrapalha um pouco o andamento, porém, levando em consideração todas as pausas, mudanças de semestre e até mesmo nesse ano, de coordenação, o projeto tem caminhado para o crescimento e desenvolvimento.

O desenvolvimento do conhecimento do projeto é construído juntamente com os participantes, já que, tanto eles, quanto nós, ministrantes das oficinas, aprendemos e nos autoconhecemos semanalmente junto com eles. A partir do trabalho do TOCO, há um desenvolvimento tanto dos participantes, como também dos estudantes em formação, pois atuamos em um cenário que não é tão falado e explorado dentro do curso, o da saúde. Sendo assim, o projeto propicia vivências que certamente abrem portas para o futuro do estudante em formação, proporcionando um enriquecimento desse processo de desenvolvimento acadêmico. Neste ano de 2024, podemos dizer que o TOCO mais uma vez, nos desafiou enquanto futuros profissionais, realizando e promovendo a extensão universitária para o compartilhamento de conhecimento, inovação e saúde juntamente com a comunidade, que tanto tem para contribuir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto, A estética do oprimido - Rio de Janeiro : Garamond, 2009.

BOAL, A. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Edição revista.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.